

Rádio e Cidade: Aproximações de Mapas Noturnos de Tempos e Espaços

“Não se sabe se Kublai Khan acredita em tudo o que diz Marco Polo quando lhe descreve as cidades visitadas em suas missões diplomáticas, mas o imperador dos tártaros continua a ouvir o jovem veneziano com maior curiosidade e atenção do que a qualquer outro de seus enviados ou exploradores.” (Calvino; 1991: 9)

O QUE CIDADE E RÁDIO podem ter em comum? Aparentemente nada mais objetivo do que um ser o lugar onde vivem os ouvintes do outro; ou o fato das *cidades* serem hoje consideradas o lugar onde estão concentrados os grandes grupos de seres humanos com suas peculiaridades e especificidades e o *rádio*, enquanto meio massivo, ter se originado da necessidade destes homens de conhecer e controlar o seu entorno em escala crescente. Indo um pouco mais além, pode-se afirmar que as cidades, ao se constituírem historicamente espaços onde seres humanos vivem e , portanto, intercambiam informações, geraram a necessidade, a partir de sua complexidade e heterogeneidade, do cérebro humano expandir-se através de *apêndices* tecnológicos que possibilitam a estes mesmos homens estarem em contato, sobrepondo-se cada vez e sempre, às esferas antes limitantes, porque vistas linearmente, do tempo e do espaço (Santaella 1992). Desde aqui, então, se pode olhar para o *rádio* e a *cidade* como desdobramentos do conceito de *lugar* onde o homem trava trocas simbólicas com características específicas: locais/espços de mediação dentro de determinada cultura, aqui entendida no seu sentido mais amplo.

A proposta deste ensaio, contudo, é ousar um pouco mais e partir de dois elementos que relacionam sistemas, espaços e tempos, na tentativa de aproximar *cidade* e *rádio*, dois espaços de mediação, através da evolução que ambos têm através do tempo chamado História e das relações que ambos estabelecem no campo dos deslocamentos sócio-econômico-tecnológicos em seus ecossistemas específicos. Esta aproximação se avizinha possível porque *rádio* e *cidade*

Marta Campos de Quadros

Mestranda em Comunicação - PUCRS
Professora da FAMECOS - PUCRS e da ULBRA

têm pontos em comum quando se mergulha mais profundamente nos estudos das mediações culturais, a partir de um ecossistema das comunicações, e nos estudos de urbanismo e subjetividade, a partir das pesquisas da ecologia ou dos ecossistemas urbanos. Nestes dois campos, cidade e rádio se constroem enquanto espaços dos quais a humanidade se apropria, traçando dinâmicas de ocupação semelhantes em função da tecnologia traduzida em velocidade, e assim iluminando e obscurecendo espaços e tempos da narrativa que não desaparecem, apenas se tornam pontos latentes até que a luz/mídia/uso volte a iluminá-los e deles novamente se aproprie, resignificando-os.

Barbero (1987) nos dirá que a comunicação está se convertendo em um espaço estratégico desde onde se pode pensar os bloqueios e as contradições que dinamizam as sociedades - encruzilhadas que estão a meio caminho entre um subdesenvolvimento acelerado e uma modernização compulsiva. Este espaço se constitui de elementos tanto trazidos pelos processos de transnacionalização como pela emergência de sujeitos sociais e identidades culturais novas. Como? A partir de um movimento que nos coloca frente ao deslocamento dos meios até as mediações enquanto usos simbólicos e articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais em diferentes temporalidades e pluralidade de matizes culturais. Pesci (1996), baseando-se no urbanismo e ecologia ambiental, fala sobre as cidades e afirma que desde meados da década de 70, o modelo tradicional de planejamento urbano não mais dá conta do objeto cidade. É então necessário buscar um modelo articulador, holístico, onde o planejamento urbano e regional, utilizando-se da semiótica e da teoria da informação, entre outras tantas disciplinas, possa compreender os fenômenos complexos dos quais a cidade é paradigmática, e atender as demandas de seu principal cliente: os homens, considerando pressupostos novos e básicos como a concepção processual, o enfoque sistêmico adaptável, a economia de energia e a conservação de recursos, a

participação dos habitantes nas tomadas de decisão, além da visão global para o agir local. Segundo o autor, todas as partes devem ser consideradas interativamente e, além disso, envolver uma dimensão temporal, com forte perspectiva histórica: *antes, agora e depois*.

Algo familiar? Sim. Estamos falando de mediações, aproximações, olhares contemporâneos de campos aparentemente diferentes, mas que a partir do uso simbólico humano, se vêem premidos a buscarem novas ferramentas para apertarem os parafusos das engrenagens de seu tempo a fim de chegarem ao que ainda tradicionalmente se chama futuro. Contudo, não caímos neste vício presente da velocidade, onde tudo são, ou deverão ser, bits (Negroponte 1995) e voltemos um pouco ao passado.

“O homem que cavalga longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade. Finalmente, chega a Isidora, cidade onde os palácios têm escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos, onde se fabricam à perfeição binóculos e violinos, onde quando um estrangeiro está incerto entre duas mulheres sempre encontra uma terceira, onde as brigas de galo se degeneram em lutas sanguinosas entre os apostadores. Ele pensava em todas estas coisas quando desejava uma cidade. Isidora, portanto, é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murmurinho dos velhos que vêem a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações.” (Calvino 1991:12)

A humanidade desde há muito tempo busca por si só o contato entre seus elementos formadores, os homens, que desenvolveram a habilidade de pensar, expressar este pensamento e gerar um pensamento comum entre estes através de formas comuns de significar, denominadas linguagens. Este tipo de comportamento, aliado aos fatores bio-

físicos que não permitiam ao homem alimentar-se, levaram-no a fixar-se em determinados lugares, onde a sobrevivência teria maior possibilidade. O fato de o homem ter se tornado gregário pode ter facilitado o crescimento desta espécie, pois seus filhotes corriam menores riscos. Entretanto, este mesmo comportamento leva a humanidade a um terceiro comportamento comum, e hoje considerado de certa forma até normal: a guerra. A tribo que possuía um lugar para viver e sobreviver, ainda que as custas do equilíbrio do ambiente, tinha poder. Quem não possuía tal lugar disputava o direito de tê-lo. Quem detinha tal lugar, com o tempo, necessitou juntar-se a outros em igual situação para sobreviver e manter o seu poder. Aparece aí a necessidade de estar em contato para efetivar alianças de sobrevivência, tanto para os providos como para os desprovidos de lugar. Juntamente com estas modificações aparece também o que mais tarde cientistas sócio-políticos chamariam de economia política da civilização ou da guerra.

Lorenz, na obra *Os oito pecados capitais do homem civilizado* (1991) coincide com o afirmado por Morin (1995) sobre o nascimento da História e a relação que a mesma tem com o aperfeiçoamento e complexidade das relações. Ambos retomam a metamorfose sociológica que sofrem as pequenas sociedades não agrárias, sem Estado, sem cidades, sem exércitos, como ponto de partida para um processo civilizatório através do qual se transformam em sociedades com milhões de pessoas, que vivem em grandes cidades com complexos sistemas sócio-político-econômicos e através de várias e continuadas guerras que já poderiam, se observadas, serem tomadas como o motor maior da forma de apropriação humana do seu entorno. Mas sem tomar uma certa distância era impossível ver tal processo. Somente a retomada da historiografia nos poderá decifrar tal dinâmica.

“(...) Para que serve à humanidade sua multiplicação desmedida; sua ânsia de competição que beira a loucura; terrível corrida armamentista; crescente

enfraquecimento do homem urbanizado, etc? Um exame mais atento nos revelará que essas atitudes resultam da perturbação de mecanismos comportamentais que, na origem, exerciam provavelmente papel importante na conservação da espécie.” (Lorenz 1991: 13)

Lorenz tem ainda a visão marcadamente biológica do processo civilizatório, mas que de certa forma não está distante do ocorrido. Talvez o que não seja possível afirmar tão categoricamente, seja o fato de que o resultado deste processo civilizatório vivido pelo planeta, que se dá de forma descontínua e multitemporal, efetive-se enquanto uma perturbação. Mas não me proponho a entrar exclusivamente neste mérito. Mais relevante que este fato parece ser a afirmação de várias áreas do conhecimento de que as guerras foram motor de desenvolvimento tecnológico, ainda que com finalidades consideradas não muito nobres, para que o homem chegasse ao estágio em que se encontra. Uniu-se para sobreviver num ambiente que lhe parece sempre hostil, e por isto mesmo lhe suscita desejos de dominação. Cidade e comunicações são formas aperfeiçoadas, até o momento, deste processo. E se tomamos as suas origens, vemos que o desenvolvimento das cidades, enquanto pólos geradores de algo que poderia ser desejado por outro agrupamento humano, criava necessidade de comunicação para obtê-lo. Neste momento não estamos falando somente de riquezas, mas de modelos de Estado que resultavam maior poder, especialias que derivavam em maior prazer.

As formas de ligação entre as cidades evoluem e são chamadas em dado momento de meios de comunicação, ainda que diferentemente do que conhecemos hoje, agregados do adjetivo social. Passamos pelos mensageiros-atletas que se revezavam através de longos trajetos para fazer chegar as mensagens, navios de pequeno e grande porte, cavalos, diligências, sempre assaltadas nos filmes hollywoodianos, carroças, caleças, charretes, trens, carros mais e menos

desenvolvidos tecnologicamente, balões, dirigíveis, aviões pequenos com motores rudimentares que foram se aperfeiçoando mais e mais, foguetes, ônibus espacial ...impulsos elétricos, eletromagnéticos, fibras óticas e bits.

Mas se os meios de comunicação, no sentido mais rudimentar do que seja transportar uma mensagem, modificaram-se, também os lugares por onde passaram estes meios tiveram a sua fisionomia alterada. De comunidades agrícolas ligadas através de trilhas, passamos aos trilhos, às estradas, às rotas marítimas, fluviais, aéreas, espaciais. De cidades pequenas, cidades maiores, metrópoles e, por fim, o espaço. Contudo, se de um lado estavam estas *estradas visíveis* compondo o cotidiano da humanidade, de outro também estavam se desenvolvendo cada vez mais as estradas invisíveis ou não tão visíveis que também transportavam mensagens, riquezas, sentimentos. O correio a cavalo, aéreo, o telégrafo com e sem fios, o telefone, o cinema – às vezes mudo, às vezes falado – o rádio, a televisão, as válvulas, o transistor, o satélite, o chip...Maiores ou menores, complexos ou simples, satisfizeram e satisfazem as necessidades dos homens que a cada vez que se julgam insatisfeitos começam uma nova busca para chegarem a sua satisfação, seja ela intelectual para chegar ao inédito, seja ela econômica para chegar ao novo produto.

Novamente premidos pelo tempo e espaço, passamos por séculos e vidas em poucas linhas, minutos. Reduzir a velocidade para fazer novo retrocesso, e desta vez para revisar conceitos, faz-se necessário.

“Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas a respeito uma das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares e não se fixam..

(...) Corre alguma coisa entre eles, uma troca de olhares como se fossem linhas que ligam uma figura à outra e desenham flechas, estrelas, triângulos, até esgotar num instante todas as combinações possíveis, e outras personagens entram em cena: um cego(...)Se os homens e as mulheres comessem a viver os seus sonhos efêmeros, todos os fantasmas se tornariam reais e começaria uma história de perseguições, de ficções, de desentendimentos, de choques, de opressões, e o carrossel das fantasias teria fim.” (Calvino 1991: 51/52)

Falamos em sociedades, cidades, relações, meios...relações nos remetem diretamente ao conceito de sociabilidade que se encontra intimamente ligado à injunção cotidiano/comunicação. É no dia-a-dia que as relações são estabelecidas e que nos comunicamos. Esta é uma formação circular, pois o cotidiano é irrigado pela nossa presença mutuamente referenciada pelas relações simbólicas. É nele que se evidenciam nossas experiências, vivências, a possibilidade de estar no outro e em nós mesmos. Mas França(1996) nos chama a atenção para a complexidade de estabelecer esta circularidade, já que nos inserimos em um tempo e espaço extremamente pulverizado, ou até mesmo em muitos tempos e espaços.

Chegando-nos mais para perto do cotidiano, é possível vê-lo composto de duas dimensões: uma objetiva e outra subjetiva. É prudente esclarecer desde o que estamos chamando de cotidiano: “ tempo presente não enquanto absoluto, mas um presente que se renova a cada dia, na forma de outro presente. Assim a idéia de cotidiano incorpora a idéia de sucessão e continuidade”(França 1996: 104). É o meu presente, tempo pleno de possibilidades, o mundo subjetivo partilhado com os outros. É nele que se estabelece a experiência que se refere ao vivido, fazendo-nos sentir a nossa inserção no mundo, levando-nos a ser sacudidos pelo choque e a confrontar a nossa energia como fluxo nivelador das energias exteriores, conforme afirma

Benjamin (1993). A experiência tem assim relação com percepção subjetiva, com consciência. Algumas experiências são aparadas pela consciência, amadurecidas pela reflexão, e transformadas em vivência (memória consciente). Em outras acontece uma falha em nossos mecanismos de proteção, e o choque se transforma em espanto, nos impedindo as trocas com o outro.

“Eu me arriscaria a dizer que a vida estaria antes no domínio do espanto e da memória involuntária. Da mesma forma que o desejo é da ordem da experiência. Assim é que o homem de Benjamin é em grande medida o flâneur - aquele que passeia, olha, observa e absorve a cidade - que se sente olhando por todos e invisível.” (França, 1996: 108)

Considerando estas colocações, a partir de agora passamos então a referenciar o cotidiano como o lugar de onde observamos, apreendemos, traçamos relações com o mundo, atribuímos significados, estabelecemos continuidades e sentidos. Este lugar é que terá uma dimensão que se refere à realidade mesma, ao factual, que nos atravessa e invade diariamente, a todo o instante. Porque através das mediações, e volto a Barbero (1987), este tecido em constante movimento dá sentido a nossa própria existência. É na dimensão do cotidiano objetivo/subjetivo que estabelecemos as redes de solidariedade que nos possibilitaram intercambiar um mundo subjetivo, nem sempre comum.

Contudo, é também neste cotidiano que vamos estabelecer o que podemos chamar de espaço social, onde não seremos nós mesmos como nos vemos, mas como desejamos ser vistos. A civilidade e o estabelecimento de relações sociais necessitam de um certo distanciamento para que através do que podemos chamar de máscaras nos relacionemos com as pessoas. Sennett (1995) afirma que o uso das máscaras e da dramatização do cotidiano não se refere a um falseamento da realidade, mas da possibilidade real de

interagir com o outro sem invadir o outro. É a possibilidade de existir com um eu integrado e inteiro e não somente sobreviver com um eu mínimo que necessite a todo momento apoiar-se no outro para ter sua existência reconhecida. O mesmo autor afirma que esta civilidade é uma característica da modernidade. A chamada pós-modernidade que fragmenta tempo e espaço, também tenderia a fragmentar este eu, levando o homem a uma tirania da intimidade, uma vez que o seu existir público se vê ameaçado. A proximidade excessiva do outro fará com que, ao nos misturarmos à massa, não conservemos a individualidade intacta.

Importante também considerar que o uso das máscaras sociais no cotidiano não significa interações ritualizadas, vazias de significado e sentir. Ela é o que nos garantirá um existir real que possibilita a experiência, nos possibilita construir uma tradição comum e repassá-la através das narrativas orais, dentro de um tempo construído e inteiro. A máscara possibilitará ao indivíduo misturar-se na multidão, observá-la, tomar parte dela e ainda assim sair dela como indivíduo inteiro e coletivo. “A vida cotidiana é um sistema reticular - rede sutil, complexa, onde cada elemento, objeto, tema, situações imprevistas, acontecimentos importantes, pensamento, ação, relação, etc., apenas valem na medida que são ligados ao todo e só fazem sentido na e pela globalidade” (Maffesoli 1995: 52)

Maffesoli refere que mesmo dentro desta aparente desagregação do cotidiano contemporâneo, há uma centralidade subterrânea, espécie de força centrípeta, um sentimento de pulsão que nos aproxima uns dos outros, que cria identificações. Essa centralidade seria a própria socialidade, ponto nodal de sustentação da vida cotidiana.

“Ainda descia chuva demais pela chaminé para que se cozinhasse direito na lareira (...). Pouco antes do jantar um hóspede surgiu na porta, um menestrel, um andarilho (...). Depois de ganhar comida, um banho e roupa seca, o menestrel foi sentar no local reservado

aos hóspedes mais honrosos, perto do fogo. Começou a afinar o instrumento (...)testando o som com um dedo.(...) dedilhou um único acorde sonoro e declamou:

- Cantarei as batalhas e os grandes homens que lutaram;

Os homens que por dez anos assediaram as altas muralhas de Tróia;

E os Deuses que as muralhas finalmente derrubaram: Apolo, Senhor do Sol; Posêidon, que faz a terra tremer (...)

- Não! - exclamou a velha abruptamente largando o tear e levantando-se de um salto.- Não vou permitir! Não quero ouvir este absurdo cantado em minha casa!

O menestrel deixou cair sobre as cordas, com uma dissonância fragorosa; sua expressão era de consternação e surpresa, mas o tom se manteve polido.

- Como assim minha senhora?

- Não vou permitir que essas mentiras vergonhosas sejam cantadas aqui ao lado de minha lareira - reiterou a velha, com uma veemência ainda maior (...)

- É mesmo? insitiu o menestrel, ainda polido - E como pode saber, minha cara senhora? Canto a história como a aprendi de meu mestre, como é cantada por toda a parte, de Creta a Cólquida...

- Pode ser cantada dessa maneira daqui ao fim do mundo, mas não foi assim que aconteceu.

- E como sabe? insistiu o menestrel.

- Porque eu estava lá e a tudo testemunhei." (Bradley 1988: 11)

Se falamos de cotidiano e o localizamos mais do que nunca e com todas as suas discontinuidades espaço-temporais, nos vemos obrigados a falar da palavra, veículo primeiro de nossa experiência narrada ao outro que irá ouvi-la. Falamos da palavra falada pela relação que esta mantém com o rádio, o outro objeto de visita deste ensaio.

Preferimos o amparo de Benjamin (1993) quando o autor destaca a figura do narrador, que a luz do imaginário popular pode até ser a figura distante porque muito sabe, mas que se aproxima à medida que assumimos o conceito de experiência.

Benjamin colocará ao narrador duas figuras: o narrador da aldeia, geralmente identificado com o camponês que fica no seu lugar e desde aí conta, sempre sem pressa e munido da autoridade de quem viu e viveu o narrado; e o narrador viajante, habitualmente sobreposto à figura do marinheiro mercante que sai do seu lugar de origem para visitar outros lugares, voltar e contar o que viu. Este jamais será confundido com o turista, que mais se identifica com a vivência do ser solitário, que não faz parte do lugar. Ambos terão um olhar estrangeiro sobre o que viverão, mas suas inserções no cotidiano serão diferentes. O viajante é aquele que envelhece, vive e quando volta para o seu lugar vê que o tempo passou. O turista planeja sua saída, mas realmente planeja sua chegada, o primeiro dia de partida sempre é o primeiro de sua chegada. Para ele o tempo não passa, ele não vive o lugar.

Esta forma de narrar é quase artesanal no sentido do tempo. Pode ser comparada ao processo social em que estavam colocados mestre e aprendizes: o mestre como narrador da aldeia repassa o que ocorreu no seu lugar, enquanto ensina um ofício. Os aprendizes vêm e vão para muitos lugares, ouvem do mestre e contam o que viram para depois novamente partir. Na narrativa de ambos há sempre um sentido de utilidade, de aconselhamento, de ensinar através do vivido e não do vivenciado, ainda que esta experiência seja o choque, mas não o espanto que cala.

Benjamin assinala que a modernidade dilui este processo. O narrador do romance já não terá esta inserção de olhar/lugar, o narrador do romance será um observador que vivencia o fato. A sua narrativa não terá o sentido de tempo infinito para contar nem o sentido utilitário de compartilhar o saber. A outra ruptura deste contar ficará por conta da imprensa, que terá no factual a sua fonte e

terá acima de tudo um sentido de urgência temporal. Não busca compartilhar um saber, mas distribuir uma informação.

Volto ao rádio que apesar de informar, guarda a qualidade do contar, do suscitar a imaginação, de religar no referencial passado pela história oral. Ainda que com o sentido de urgência na informação, pode se colocar como o mestre que fica na aldeia e espera os aprendizes para com eles compartilhar o que passou, pois guarda na sua mensagem ainda um sentido profundo da função social de utilidade pública. É também através do rádio que as populações iletradas ou sem acesso às tecnologias mais contemporâneas buscaram a ligação com o seu cotidiano, muitas vezes até o fazendo de mensageiro.

O rádio também resgatará para as suas características a figura do flâneur, anteriormente referido, já que observa e absorve a cidade, olhando por todos de maneira invisível. Aparentemente em contradição, e muito à semelhança do cotidiano que é atravessado pelos contrários e está em constante tensão entre a diferença e a semelhança, entre a massa e o indivíduo, que ele se construirá enquanto instrumento de sociabilidade através da palavra. O ouvinte, enquanto indivíduo, viverá a experiência de perder-se na massa, se aproximando do fusional, do contágio em Maffesoli, já que não é na ebriedade da semelhança, superposição de assimilações que se revela mais forte nas ruas da cidade a diferenciação social. A força da experiência que é individual e vivida no mundo terá seu prolongamento na palavra. É na narrativa tecida com fios de existência que o ouvinte vai construindo uma outra forma de ser e de estar, pois supõe a presença de um outro ainda que mediada, e ela pressupõe a capacidade de contar/locutor e de ouvir/receptor. A narrativa é uma forma de estar com o outro, sem estar no seu lugar. Segundo França (1996), a contribuição de Benjamin estaria justamente no resgate da dimensão relacional da palavra cotidiana - mas enfatiza ainda a sua dimensão de experiência, sua substância de vida." Contar supõe a vida (as sinuosidades da caverna) e ao mesmo tempo

abre uma outra forma de viver." (França;1996: 109)

"Agora contarei o que a cidade de Zenóbia tem de extraordinário: embora situada em terreno seco, ergue-se sobre altíssimas palafitas, e as casas são de bambu e de zinco, com muitos bailéus e balcões, postos em diferentes alturas, com andas que superam umas às outras, ligadas por escadas de madeira e passarelas suspensas transpostas por belvederes cobertos por alpendres cônicos, caixas de reservatórios de água, cata-ventos, desdobrando roldanas, linhas e guindastes." (Calvino, 1991: 36)

Uma cidade não é somente um conjunto de arruamentos onde encontramos casas, pessoas e carros. Ela é cortada no seu espaço aéreo por fios, antenas, postes...no seu subterrâneo correm outras tantas coisas não aparentes dentro de dutos de PVC, ferro ductil, PEAD, manilhas. Para fios, para água, para esgotos - e estes podem ser pluviais ou cloacais -, fios elétricos, fibras óticas, para cada objetivo um conduto. Espessuras também são variáveis. E tudo pode garantir a agregação desta cidade ou não. Em um primeiro olhar poderíamos dizer que é uma colagem de fragmentos, e estes são de épocas muito variáveis. Os urbanistas atribuem este conhecimento a cadastros, que nem sempre refletem o que na fisionomia (entendida no jargão profissional como durante o trabalho) é como um corpo humano. Fizemos todos os exames mas... depois que passamos o bisturi, havia uma veia que não apareceu na cintilografia. E ainda devemos considerar que existem as relações humanas. Todo um complexo de simbologias que se interpenetram como mídias na pós-modernidade. Vários autores colocam não só a cidade, enquanto corpus, mas os equipamentos urbanos como espaços de mediação.

Podemos ainda afirmar que uma cidade é um conjunto de diversas temporalidades e espacialidades, pois seus lugares são determinados pelos usos que os que nela

habitam fazem. O centro, nas cidades tradicionais, geralmente concentra o poder - político, religioso, financeiro. Mas, invariavelmente, a História o tem mostrado, há um deslocamento para a periferia nas cidades, e às vezes um retorno. O centro, contudo, continua sendo a centralidade subterrânea de agregação da população. É a modernidade expressa no urbanismo. Os condomínios e áreas populares são mosaicos de população com usos de espaço e tempo diferenciados. Não seriam então a pós-modernidade do urbano? Nos condomínios, assim como nas favelas, tudo está explícito até a saturação. O diferente se torna igual, uniforme, aparentemente desaparece a tensão cotidiana da diferença e da semelhança. O uso é o mesmo para cada equipamento de lazer ou distritos do poder centralizado. Mas o centro...é nele que todas as recordações estão atadas. As histórias de namoros das avós, como era ir passear nas lojas, antes dos shopping centers. Há no centro das cidades um elemento de nostalgia. De tradição. A cidade é, dentro do ecossistema urbano, a fisionomia da humanidade que pode ser decifrada.

O rádio é como a cidade. Interativo por natureza, e dizem os entendidos, o veículo de massa único para daqui a 20 anos. Um mosaico de vozes que falam ininterruptamente, guardando a contradição de contar com a palavra cotidiana como seu elemento principal de constituição de mensagem, mas muitas vezes sem efetivamente nada dizer, atualiza como mídia a ordem social e o estar com o outro pode ser aparência pura que gera a ilusão da companhia. O conteúdo é irrelevante, resta força agregadora significativa. Neutraliza-se a perspectiva de transmissão e a comunicação se realiza enquanto vinculação, envolvimento conjunto. Dele partiram outras mídias e ele mesmo é o resultado de muitas outras. Tecnologia que buscou a rapidez, foi também o primeiro a partir para a digitalização do som na busca não só da velocidade e limpidez, mas em busca da centralidade ocupada. Contudo guarda consigo a nostalgia das histórias contadas. Apesar de esgotar a sua mensagem

no talk, and talk, and talk.... a voz que fala é da aldeia, fala para um eu único não fragmentado. Eletrodoméstico, não muda muito de forma e de lugar nos ambientes. E o ouvinte é fiel e tradicional, o fenômeno zapping ainda não o atingiu. Pós-moderno na aparência, conserva esta singularidade da modernidade.

Para a grande maioria dos profissionais de negócios de mídia, um veículo de sustentação de campanhas comerciais. Mas sem dúvida não é possível fazer campanhas semanar em rádio. A *periferização* também faz parte deste processo. A hierarquização das mensagens é uma forma de fazê-lo, o não privilégio das verbas comerciais, também. Contudo, este elemento de modernidade lhe garante a existência, através da reprodução do ensinamento do uso e da produção da mensagem que ainda é tradicional.

Voltemos então ao começo, dentro da circularidade prometida. É possível traçar rotas de aproximação muito mais sutis entre rádio e cidade do que a objetividade simplória poderia nos assinalar. Se por tudo o que foi exposto já não fosse, é ainda possível vislumbrar o mapa noturno da circulação social de Barbero ao constatar que o ouvinte em relação ao rádio, assim como o cidadão em relação a cidade, pode perder-se em ruas sonoras, encontrando o outro em cada esquina, pode reconhecê-lo importante e parar para saber o que ele tem para dizer, como o ouvinte que passeando pelo dial presta atenção ou não no que cada emissora passante tem a dizer. Cidadão e ouvinte podem perder-se em si mesmos e, de repente, religarem-se à mensagem ambiente, que de alguma forma lhes conta uma história do presente de possibilidades, mas que faz ressurgir as memórias mais sensíveis apenas com a entonação da sua voz, ou com a fachada de algum prédio. Próximos e distantes, rádio e cidade são lugares, espaços de mediação e mensagem, modernidade e pós-modernidade, diferença e semelhança.

A cidade, como o rádio, pode ser recentralizada se assim os seus habitantes o quiserem porque, como coloca Pesci (1996), a cidade deve ser sustentável e o rádio também.

No Planejamento Urbano Ambiental, algumas características são colocadas e as mesmas podem ser aproveitadas para as mídias, em especial o rádio:

- A noção de rede: possibilitando múltiplos focos de polaridade ou centralidade urbana, auspiciando a diversidade cultural, a identidade de microculturas, e limitando ou contendo a limites razoáveis a dominação de uma face - o tradicional centro de dominação e hegemonia.

- A noção de diversidade/complementariedade: propiciando em cada nó da rede, mas também em cada pequeno bairro/emissora/produtora, em cada lugar da cidade/ da programação, atividades e espaços de interação social, chamados, às vezes, espaços abertos para acentuar a sua idéia de uso aberto, para lutar contra a desagregação individualista e, às vezes, até anti-social, das tendências dispersivas e periféricas das mídias / cidades atuais.

- A noção de valorização de recursos nem tão renováveis: propiciando a recuperação e valorização dos grandes vazios e orlas naturais/ espaços de criação da cidade/ ouvinte/emissor, como garantia de sobrevivência da biodiversidade/diversidade cultural.

- A noção de auto-sustentabilidade: propiciando a maior autonomia possível no funcionamento do ecossistema urbano comunicacional, mediante a reincorporação de espaços de criação perdidos, o manejo reciclado, a poupança no consumo de energia, e a estimulação das mais amplas formas de converter a cidade/rádio antes em um ecossistema produtor que em unicamente um ecossistema consumidor.

- A noção de fluxo/movimento/circulação: propiciando que todos os fluxos sejam cíclicos, recuperando em todo o possível a matéria e a energia para sua reinserção no sistema e evitando consumos desnecessários,

em particular sobre recursos não renováveis ou de processamento contaminante. Desenvolvimento real de possibilidades de convivência entre a velocidade e a experiência do tempo.

- A noção de participação: propiciando que a mesma cidadania seja a autora e gestora das modalidades de realização específicas do ambiente, na reinterpretação criativa dos princípios anteriores ou de outros que esta vá fixando e que sejam compatíveis com a sustentabilidade e qualidade de vida, e opondo-se à planificação elitista, totalitária e fechada.

- A noção de produção: o último e quem sabe mais novo dos princípios que se propõe assumir o conflito de interesses e a tendência à entropia nos processos econômicos e sociais de construção do cotidiano, mediante uma atitude permanente de gestão e ajustamento capaz de incorporar a todas as forças sociais, tanto desde a atuação governamental, das forças capitalistas de mercado ou das distintas formas de economia social (cooperativas, grupos de autogestão, etc.).

Finalmente, apraz descobrir na Cidades Invisíveis de Italo Calvino as pistas noturnas de um mapa ainda não desenhado, mas que nos dá a certeza de estar caminhando para algum lugar que ainda nos reserva o novo, onde ainda é possível escolher ou não escolher, como escolha, onde o rótulo não seja necessário porque a sensibilidade e o desejo podem se expressar, moderna ou pós-modernamente, contando a história de cada um.

“Dito isto, é inútil determinar se Zenóbia deve ser classificada entre as cidades felizes ou infelizes. Não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta

cancelados." (Calvino 1991: 36-37)

Os desejos dos homens é uma alusão metafórica perfeita para o respeito à diversidade, para a necessidade de articular esta necessidade, para que estas articulações sejam sustentáveis no tempo, enfim, para que a cidade sustentável seja possível. Não há sustentabilidade de uma cidade se não são sustentáveis os seres humanos que a habitam. E por que não fazer o mesmo com o rádio?

Referências

- BARBERO, Jesús Martín. *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. Col. Mass Media Barcelona, Gustavo Gili, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Vol I. 5 ed. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- BOLLE, Willi. *Fisignomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo, EDUSP, 1994.
- BRADLEY, Marion Zimmer. *O incêndio de Tróia*. 7 ed. Série Ficção e Experiência interior. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- CALVINO, Italo. *As cidades Invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. 3ed. São Paulo, Cia das Letras, 1991.
- FRANÇA, Vera Regina V. "Comunicação, Sociabilidade e Cotidiano: O fio de Ariadne, a Palavra da Rua". In: FAUSTO NETO, Antônio e PINTO, Milton José. (orgs.) *O indivíduo e as mídias: Ensaio sobre Comunicação, Política, Arte e Sociedade no Mundo Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Diadorim / COMPÓS, 1996 p. 103 a 111.
- LORENZ, Konrad. *Os oito pecados capitais do homem civilizado*. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1995.
- MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (org.) *Na sombra da cidade*. Col. Ensaio: Subjetividade e Urbanização. São Paulo, Escuta, 1995.
- MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre, Sulina, 1995.
- PESCI, Rubém. "A cidade sustentável". Trad. Marta Campos. In: *Revista ECOS de Saneamento Ambiental*. Porto Alegre, Ano III, nº 9 (no prelo). DMAE, 1996.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das Mídias*. São Paulo, Razão Social, 1992.
- SENNETT, Richard. *O declínio do Homem Público: As tiranias da Intimidade*. São Paulo, Cia de Letras, 1995.
- SPERBER, George. *Introdução à peça radiofônica*. São Paulo, EPU, 1980.
- VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política*. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.